

Todo o acampamento preguiçava. E, pouco a pouco, quase insensivelmente, enquanto mais luz ia apagando as trevas, tornavam-se os movimentos mais livres e pareciam as vidas mais desempenadas.

Já o canto sonoro dos galos encontrava, em aguerridas correrias pelos ares, as vozes matinais da passarada. As fogueiras desmaiavam nas cinzas fatigadas, onde as últimas brasas se recolhiam.

Chegámo-nos mais àqueles restos de calor. O frio anavalhava-nos. Era preciso aquecer as botas para não gelar os pés, ao calçá-las.

Quando tudo estava em movimento, arrumadas as cargas, aparelhados os cavalos, instruído o pessoal, chegaram dois *pisteiros*, encarregados na véspera de vigiar os elefantes.

Perguntámos :

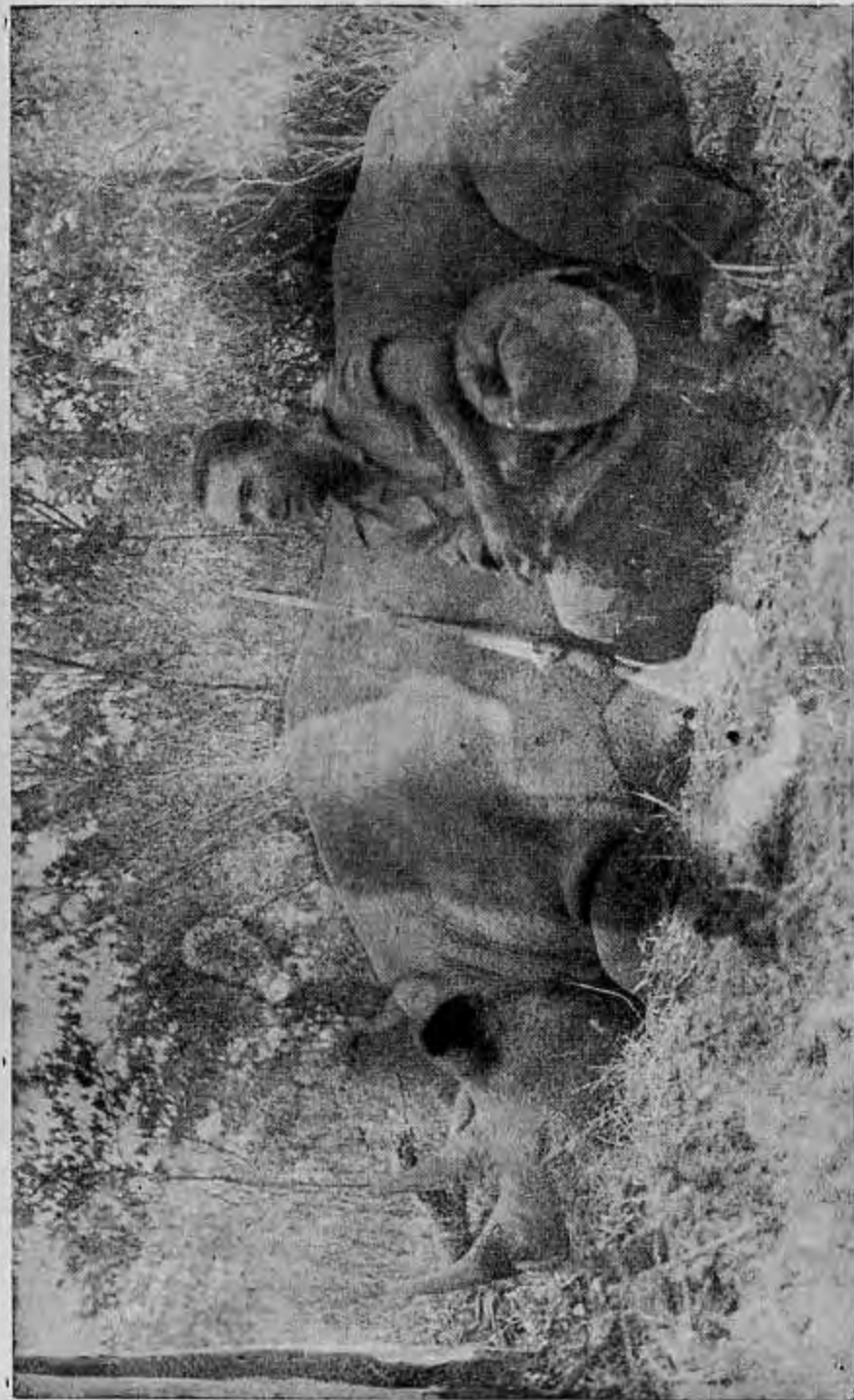
— *Ódiripi óno jamba?* (Onde estão os elefantes?).

Não os tinham sentido naquela noite. Era preciso ir rio abaixo, em cata de rasto fresco, e segui-lo depots.

Pusemo-nos a caminho. Já a madrugada retouçava pelas planícies infinitas da Mupa! — as lindas planícies da Mupa! — com os seus capins delicados e veludineos, as suas grandes árvores copadas, as suas aves deslumbrantes.

Descemos o rio — o Cuvelay —. À beira do caniço, os *pisteiros* na frente em cata do rasto, os serventes atrás com as espingardas, os mantimentos e a água, atravessámos *arimos* esfarripados de cuanhamas. Aqui e além, pegadas monstruosas, que tinham ficado impressas nos lameires — vestígios antigos endurecidos pelo princípio da estação seca. Levantam-se as perdizes açodadas, em voos planados, e um *bambi* elegante olha para nós, curioso e desconfiado.

A fila indiana vai seguindo silenciosamente. Os *pisteiros* farejam o chão como cães de raça; a sua marcha é ágil, conduzida em ritmo delicadíssimo de máquina. As



Rinoceronte preto abatido no Sul de Angola

suas pernas esguias, nervosas, de bailarinas líbias, deslocam-se em «souplesse» com passadas exactas e firmes; os troncos exibem as linhas alongadas e triunfantes da vida livre; os braços oscilam como pêndulos.

Uma hora passada, um dos *pisteiros* pára, de mão estendida, a apontar alguns ramos quebrados. O outro verifica; depois perscrutam a terra:

— *Jamba!*

Em calva arenosa do terreno está desenhado o círculo enorme de uma pegada de elefante. A nitidez dos sulcos impressos pela superfície plantar, o capim pisado e ainda húmido de seivas derramadas, mais adiante alguns ramos descascados que o ar ainda não oxidou, folhas verdes e tenras que ficaram cortadas como restos de refeição, tudo nos diz eloquentemente que os elefantes passaram ali às primeiras horas da madrugada.

Vamos seguindo os rastos.

O passeio das enormes feras deduz-se tão claramente, tão precisamente, como uma fórmula algébrica: chegaram ao rio pelas nove horas da noite, depois de passeio tranquilo de vagabundos. Eram cinco fêmeas e um macho. Estiveram largo tempo a banhar-se regaladamente, ora nadando nas águas do «poço», ora chapinhando nas margens, como praístas desenfatiados. Depois aproveitaram a casca rugosa de uma *mulemba* para se coçarem vagorosamente. E a árvore enorme, massagista improvisada, devia ter oscilado num murmúrio lamentoso de ramos, sob a pressão gigantesca de algumas toneladas de carne animadas de movimentos voluptuosos.

Cerca das quatro horas da madrugada deviam ter deixado o rio, pingando largas bagas de água, bem dispostos, felizes. Ali mesmo comeram os primeiros ramos — os mais tenros — lançando a tromba por entre a folhagem, farejando, escolhendo, arrancando depois, com movimentos bruscos, a parte mais apetitosa e macia. Mas não param. Toda a floresta é um grande restaurante de lista variadíssima. Por vezes é cerrada, áspera, densa e emaranhada.

Eles abrem a sua estrada, cilindrando-a, sem esforço, em pura e fácil força viva.

No alto de uma árvore há vagens apetitosas, ainda húmidas de orvalhos. Erguem a tromba para avaliar da sua delicadeza e, se lhes apetece, não importa que elas tenham nascido em altos ramos, de árvore robusta, com mais de meio metro de diâmetro na base e meio século de existência entre as mais. Encostam a cabeça e empurram quase sem esforço. A árvore range, lamenta-se por todos os ramos e cai ferida de morte. O elefante tem as vagens ao alcance da tromba. Escolhe, come umas tantas e passa adiante, retomando a sua marcha vagabunda de fantasista, a cabeça numa agitação incessante, umas vezes majestoso e inteligente, tomando ventos, outras vezes bonacheirão e desenfasiado.

Vamos seguindo o rasto, que nos vai contando, na sua grafia bizarra, a fantasia das feras. Já o sol nos cai pesadamente nas costas — o tronco dos *pisteiros* parece envernizado, mas a sua marcha é sempre ágil, ritmada, elegante.

A mata vai-se tornando mais densa. Pouco a pouco, à medida que avançamos, a cabeleira verde dos capins vai dando lugar à grenha hirsuta e irritante das matas de espinheiras.

No terreno, já endurecido nesta quadra do ano, a perseguição torna-se mais difícil: os rastos fogem, somem-se e escapam, por vezes, à vista mais apurada. Outras vezes há rastos vários que se cruzam.

Um pouco mais longe cerram-se mais as espinheiras. Só com infinitos cuidados conseguimos defender-nos da agressão irritante daqueles espinhos aduncos, que nos rasgam a roupa e a pele.

O vento que ia de feição — isto é, soprando contra nós — torna-se instável, leviano, consentindo que as feras nos vão pressentir, a algumas centenas de metros, e se ponham em fuga. Acendemos cigarros uns sobre os outros, nervosamente, para verificarmos a direcção do vento. Temos mais de vinte quilómetros andados e sentimos que

o nosso esforço se vai inutilizar por causa daquela brisa quase imperceptível. Prevemos já o regresso ao acampamento, arrasados, tristes.

Mais umas dezenas de metros e a decepção confirma-se. Umhas passadas mais largas, a impressão da pegada sobre a ponta do pé, dizem-nos, com a clareza de uma frase, que o animal fugiu desordenadamente. Aquele é o rasto da corrida, bem diferente das pegadas tranquilas dos seus passeios de vagabundo.

A poucos metros descobrimos, ainda quente, a cama da sesta.

É a decepção. Aqueles elefantes não se deterão tão cedo, nem nós os conseguiremos alcançar.

Parámos desalentados. Os *pisteiros* deram ainda uma volta que desiluiu as últimas esperanças.

O sol pesa sobre nós num meio-dia opulento de luz e de calor; as árvores franzinas e esguedelhadas não dão sombra que preste.

Os pretos, sentados em volta, olham-nos impassivelmente; o cozinheiro, afogueado, prepara o almoço.

É se ainda os encontrássemos?

Nesta esperança, engolido o último bocado, investimos de novo com as espinheiras. Há rastos por todos os lados — mas rastos antigos que não interessam, ou sinais de fugitivos que não alcançaremos. Procurámos ainda. Os *pisteiros*, como podengos de preço, espiolham os indícios.

E assim vamos dar à orla da mata de espinheiras — quase a uma clareira. No chão há escremento quente, pouco mais adiante folhas acabadas de cair, ainda viscosas de seivas frescas; o desenho das patas de elefante multiplica-se aqui e além, como se eles tivessem andado a bailar folgadoamente — e nítido, fresco, acabado de imprimir.

Ainda ali estavam há pouco mais de meia hora; era o lugar onde tinham dormido a sesta. Alguns tinham-se deitado no colchão macio de capim, outros conservaram-se de pé, pachorrentamente, junto das árvores mais frondosas.

Pelas três horas, temperados os calores mais intensos, quando as rolas começam a namorar-se na folhagem, puseram-se em marcha, já na direcção do rio onde deviam passar a noite, vagarosamente, com a calma de quem vive na doce certeza do jantar.

E novamente temos diante de nós a mata mais cerrada, os espinhos aduncos que nos laceram; — simplesmente agora existe uma excitação latente que nos insensibiliza: o vento está óptimo e temos a certeza de que os vamos encontrar.

O cozinheiro e os serventes deixam-se ficar prudentemente para trás. Os *pisteiros* vão radiantes. Nos sinais mais evidentes do rasto apontam-no e olham depois para nós com um sorriso claro de crianças.

Vamo-nos aproximando sem ruído, cautelosamente — e o nosso silêncio de sombras tem emoção absorvente.

O rasto aparece por toda a parte, nítido, impressivo, ainda quente.

De repente, na floresta silenciosa e densa, explode um urro vibrante — dir-se-ia corneta de automóvel a roncar. E aquele som áspero, que parecia ferido nas mil baionetas das espinheiras, fez-nos parar em contracção violenta de todos os sentidos.

Estávamos a poucas centenas de metros de uma manada. O urro devia ter sido soltado por cria traquinas a quem a mãe tinha castigado com alguma trombada.

Há um minuto sensacional de paragem. Não precisamos falar. Os nossos olhos compreendem-se: interrogam e respondem, discutem e resolvem. Avançamos mais. A mata cerradíssima não nos consente um horizonte de mais de vinte metros — mas o ouvido supre a vista. Dentro em pouco chega até nós o ruído crepitante dos galhos que se quebram — uma vez ou outra a detonação seca de um grande ramo que estala. A floresta agora berra, lamenta-se, denuncia. As suas frases são claras e precisas — umas dão indicações, outras recomendam cautelas.

Da direita chegam novos ruídos de madeiras estilhaçadas e de ramos que se arrastam. E esta ameaça do inimigo que não se vê, no estreitíssimo horizonte que nossos olhos dominam, na iminência do encontro repentino, entre sons de devastação e aniquilamento, consome os nervos, estica-os, torce-os e oferece uma das mais vibrantes comoções que o homem pode sentir.

Estávamos finalmente entre elefantes — e muitos mais do que desejávamos encontrar. Tínhamos a impressão de que os iamos ver em qualquer lado para que avançássemos.

Os *pisteiros* deixaram de sorrir. Olham-nos com os olhos muito abertos, alagados de pavor, à procura da confiança que não têm neles próprios. Caminham atrás de nós — mais lentamente —, adivinha-se nos seus movimentos medrosos, nos seus olhares perfurantes, que vão fugir.

O cozinheiro e os outros pretos há muito que desapareceram.

A marcha faz-se quase na ponta dos pés, suxando as pernas para amansar o baralho dos passos, os braços estendidos para a frente, a afastar os ramos, a cabeça ansiosa, impaciente, nervosa, a investigar e a ouvir.

Mais dois passos e parámos em imobilidade estatuária.

A vinte metros de nós estão dois blocos cinzentos monstruosos — dir-se-ia formas extravagantes de duas pedreiras de granito. Na luz difusa da floresta são manchas de um cinzento mais escuro que o cinzento dos ramos emaranhados — e grandes, enormes, sobretudo enormes.

Não nos pressentem; o vento continua favorável. Estão comendo tranquilamente os ramos em volta. Lançam a tromba — formidável no seu poder de prensão — e rasgam sem esforço, sem uma contracção, ramadas vigorosas, capazes de resistir alguns minutos ao gume do machado.

Junto do animal mais próximo anda uma cria retouçando; tem qualquer coisa de disforme, com as orelhas muito grandes e o corpo desajeitado. Parecia saco mal cheio, assente em quatro troncos de acaso. Há um momento em que se afasta um pouco — e logo a mãe se detém,

seguindo-a com a vista, inquieta e vigilante. No animal pachorrento a fera revela-se imediatamente.

Resolvemos não atirar. Era de elementar prudência. Com a quantidade de elefantes que andavam na mata, e ainda com a incerteza do tiro feito através de rede espessa e emaranhada de ramos, o ataque seria quase um suicídio. De resto são fêmeas — mais pequenas, mais dignas de protecção, pobrezinhas em marfim.

Voltámos um pouco atrás e esperámos que elas se afastassem para terreno mais aberto.

A tarde avança. São quase cinco horas. A curta espera acalma-nos os nervos e familiariza-nos com a situação em que nos encontramos. Os próprios *pisteiros* voltam à sua impassibilidade.

Depois vamos novamente à frente. Já os elefantes seguiram a sua rota caprichosa. Sentimo-los adiante, denunciados pela sinfonia plangente dos ramos.

Procuramos outro rasto. Mas de repente estacamos, como que paralisados. É pela rectaguarda que ouvimos agora o fuzilar das ramadas partidas e as detonações lancinantes dos grandes troncos. Os ruídos aproximam-se, agri-dem-nos violentamente os nervos. Dir-se-ia que são montanhas que rolam, através da floresta, na nossa direcção. Vivemos segundos de angústia. A sensação de que é sobre nós que os elefantes caminham é cada vez mais nítida. Os ouvidos suprem ainda os olhos. Ouvimo-los a quarenta metros, a trinta, a vinte — é o Mundo que desaba e nos vai pulverizar.

E a pouco mais de dez passos, por detrás de um maço mais compacto de espinheiras, irrompe um enorme elefante macho, que se fica imóvel, atento, sem nos ver. Não há possibilidade de lhe atirar; os pontos vulneráveis estão ocultos. Apenas se lhe descobrem a massa vastíssima do dorso e o alto da cabeça — por entre as folhas brilham as manchas claras de dois enormes dentes.

Não há que hesitar. O único recurso é fugir, fugir desabaladamente. Aquele devia ser o macho de uma manada de fêmeas que lhe seguia na peugada.

Os *pisteiros* tinham desaparecido como por encanto.

E a correria começou. As espinheiras rasgavam-nos a roupa e mordiam-nos a carne insensibilizada pela emoção da aventura. Em volta de nós, por todos os lados, fuzilam detonações de paus que estalam. É a vertigem — a deliciosa vertigem do perigo!

Só parámos quinhentos metros adiante, esfalfados, rotos, ensanguentados. Já não ouvimos os elefantes — estávamos fora do seu alcance. E logo à doce impressão do perigo que tinha passado, sucedeu a mágoa da caçada improduttiva. Tantos elefantes naquela floresta, tão trabalhosamente desencantada, e nem um tiro tínhamos dado!

Tomámos o rumo do acampamento. Em toda a mata há largos sulcos abertos pela passagem das manadas — umas vezes em correrias rápidas, outras vezes em despreocupado passeio.

Olhamos em volta desoladamente: estava vazio o cofre das nossas riquezas — desbaratado!

Mas, pouco adiante, cruza o nosso caminho um trilho tão fresco e tão recente que, apesar das sangueiras do poente, que já andam pelo céu, nos restitui a esperança perdida.

E mal andadas que foram algumas escassas centenas de metros, em mata aberta, logo enxergámos os elefantes num fundo verde-escuro — uma linda manada de dez ou doze. Estão quase em linha, em cordilheira de penedias, as grandes orelhas agitadas como leques, em movimentos compassados.

Sentimos que estamos em face do momento supremo! Em volta de nós pulsa um silêncio pesado e denso; os nossos passos mal fazem gemer os capins amarelos. Aproximamo-nos muito flectidos, como felinos, mais receosos que eles nos fujam do que do ataque provável; estamos a cinquenta metros; a quarenta; aproximamo-nos ainda. O

bicho maior, na frente do bando, pressente-nos e olha para nós. Abre as orelhas descomunais, afirma-se, mas o seu olhar é de curiosidade e de interesse. Depois são os outros, que também nos fitam e desfraldam os enormes pavilhões. Estamos a trinta metros. Não há que hesitar nem sobra tempo para tal. Aponto cuidadosamente, entre os olhos, e o tiro parte. Imediatamente soam mais tiros — e depois é a fuzilaria rápida, nervosa, implacável.

Os animais têm um movimento bravio de surpresa e precipitam-se em fuga alucinada, arrasando tudo o que se lhes opõe. Mas há dois que levam a morte. Fazem esforços prodigiosos para correr, para se equilibrar e viver. São quatro ou seis toneladas de carne em angústias mortais. Pararam um momento, erguem as trombas num gesto supremo de raiva e de aflição — e caem pesadamente, a dez metros um do outro, como duas barreiras que se desmoronassem, com majestoso fragor.

Os sobreviventes arrasam a mata em correrias desordenadas. Dão uma volta, espavoridos, alucinados, e vêm novamente na nossa direcção.

E a fuga recomeça, mais rápida, mais emotiva, mas menos duradoira. Os elefantes desorientados, numa galopada nervosa, em que há medo, cólera e raiva, tomam outro rumo. Ouvem-se longe como trovoada distante que se afasta, através da mata toda plangente numa grande agonia de ramos.

Tínhamos terminado a caçada.

E com a noite, que se aproxima mansamente, já pulsa outra vez o silêncio pesado da floresta, com os seus fantasmas e os seus mistérios.

No regresso ao acampamento encontrámos o cozinheiro e dois serventes. Também tinham esbarrado com os elefantes. O cozinheiro, com o susto, largou tudo o que levava e, durante algumas horas, ninguém mais lhe pôs a vista em cima.

Increpado por ter perdido a carga — o cesto do almoço e alguns pratos de alumínio — afiançou

— *Jamba* comeu tudo, *síð*. Comeu mesmo!

Havia duas noites que esperávamos inútilmente os elefantes. O bebedeiro parecia magnífico: uma grande e larga estrada de rasto falava eloquentemente da assiduidade das feras. Era um trilho nítido com marcas evidentes de repetidas passagens.

O acesso ao rio fazia-se por um vale de abas suaves e pouco profundo, espécie de caneiro de águas, aberto na regularidade do terreno. À ilharga do vale, no alto e junto à margem do rio, tínhamos escolhido um morro de *salalé* protector, por detrás do qual podíamos espreitar a chegada dos elefantes. Bom poiso para ataque, visto que facilmente nos deslocávamos até à beira do vale, arredada menos de trinta metros; bom refúgio para a defensiva, não só porque o morro era altaneiro e se recolhia entre a guedelha farta da vegetação, como também porque se debruçava sobre um talude de três metros, que ia dar ao leito seco do rio, onde facilmente ganharíamos asilo contra uma possível perseguição das feras.

Havia, no entanto, duas longas noites passadas de ouvido à escuta, em que os sentimos muito longe, fazendo bulha na floresta ressequida, mas sem lograrmos vê-los chegar ao bebedeiro. Não estava o vento de feição: rodava constantemente, e ora nos irritava como denunciante, ora nos animava como cúmplice.

Na terceira noite, mais esperançados, porque os elefantes não excedem os três dias sem beber, largámos o acampamento, ao escurecer, e palmilhámos em silêncio grave, por entre o caniço louro da margem, os dois quilómetros que nos separavam do bebedeiro.

Os *pisteiros* levavam os nossos colchões de mato e o «Sabonete» — o nosso cozinheiro — a ceia e a garrafa *Thermos* com café.

O «Sabonete» ia entusiasmado. Assegurava que não tinha medo e que também atiraria aos elefantes, se lhe dessem uma espingarda.

As oito horas estávamos instalados. Os *pisteiros* à escuta e nós deitados por detrás do morro. Ao nosso lado uma bateria de automóvel ligada ao farolim asseguraria luz no momento preciso: um dos *pisteiros* carregaria a bateria à cabeça e outro, devidamente instruído, manejaria o farolim.

Quatro dias antes passara a lua cheia. O luar era ainda magnífico: víamo-lo pratear a superfície calma do rio, por entre a cortina fantástica dos ramos. Os sapos cantavam nos charcos compassadamente; uivos de *mabecos* e ronrons de leopardos rasgavam de vez em quando o silêncio pesado da noite; por vezes, sons longínquos asseguravam que continuava a desenrolar-se o drama misterioso da selva — a luta bárbara e cruel pela vida, pelo amor, pelas subsistências. Em volta de nós zumbiam os mosquitos, teimosos, irritantes, em cargas cerradas.

Os *pisteiros*, imóveis como estátuas de ébano, apuravam o ouvido. Nós levantávamo-nos de vez em quando para consultar também a lonjura negra da mata de onde os bichos deviam sair.

Abel Pratas, de bom humor, conversava em surdina com o «Sabonete». E os dentes do preto luziam em risos escancarados. Por fim perguntou-lhe se gostaria de ter uma espingarda para atirar também aos elefantes quando viessem. E o «Sabonete» confessou que trocaria esse prazer por cem angolares. Conferenciámos e resolvemos emprestar ao cozinheiro uma velhíssima espingarda, na qual o Pratas simulou meter alguns cartuchos.

E o «Sabonete», com a sua arma vazia, convencido de que, puxando o gatilho, abateria todas as feras deste mundo

e do outro, foi colocar-se atentamente entre os *pisteiros*, feliz, radiante e imobilizado pela comoção.

Cerca das nove horas os ouvidos mais apurados começaram a ouvir os gemidos distantes dos ramos. E todos nos fixámos à escuta, num silêncio denso e solene, imóveis, interrogando a lonjura. Meia hora depois era o ruído mais nítido — dir-se-ia que andavam na mata, ainda muito longe, afanosos lenhadores. Sentimos que as feras se aproximavam cada vez mais, poderíamos calcular quase a sua velocidade de marcha. Já não se ouviam sapos nos charcos, nem plangências de hiena. Só os mosquitos zumbiam ainda, impacientes e irritantes.

Pelas dez horas tínhamo-los a trezentos metros. A gritaria das ramadas era tão clara, tão próxima, que esperávamos vê-los surgir de um momento para o outro. Estava tudo preparado: o farolim pronto a golpear a luz penetrante, o *pisteiro* com a bateria à cabeça, as espingardas nervosamente apertadas nas mãos dos caçadores — o «Sabonete» hirtó e solene com a sua velha arma entre os joelhos e os olhos desmedidamente abertos.

Sentimos depois a correria folgazã que os elefantes fazem na proximidade da água. O ruído era tão distinto que lhes acompanhávamos a marcha como se os vissemos. Distinguimo-los, pelo ouvido, a duzentos metros, a cento e cinquenta, a cem . . . Fomo-nos aproximando da beira do vale, cautelosamente, sem o menor ruído — e logo os topámos, em manada concentrada, trotando, bem dispostos. Desceram ao vale, como esperávamos, concentraram-se mais.

O foco de luz disparou-se sobre a massa e, imediatamente, soaram os primeiros tiros, precisos, calmos, rápidos.

O pânico foi espantoso. Quando esperávamos que, a seguir ao ataque brusco, os animais se lançassem em fuga ou nos perseguissem, vimo-los espavoridos, de trombas no ar, amachucando-se uns de encontro aos outros, como se se sentissem apertados dentro de um cercado.

Compreendemos mais tarde o motivo da confusão: um dos animais abatidos aos primeiros tiros era o guia da manada — e dentro desta havia numerosas fêmeas com filhos pequenos. A sua confusão e pânico eram tão grandes que se consumiam em voltas e contravoltas, sem sair do mesmo espaço apertado. O barulho era infernal: gritos de pavor e de raiva, imprecações e urros de dor, tudo se erguia em concerto bárbaro e apavorante.

Nós, que nos dispúnhamos a ganhar o nosso refúgio depois de vermos tombar os animais que tínhamos visado, hesitámos perante a perturbação das feras e decidimo-nos depois continuar o ataque, aproveitando a confusão que entre eles lavrava. E novamente soaram as descargas, agora mais nervosas e mais rápidas, continuas, apenas interrompidas numa ou noutra espingarda pelo remunciação das câmaras.

O *pisteiro* que trabalhava com o farolim apavorou-se e apagou a luz, abandonando o campo. E o tiroteio continuou ao luar até que a fuga se impôs. Os elefantes, alucinados pela intensidade do perigo, resolveram lançar-se contra ele, como única forma de se defenderem.

E não houve remédio senão procurarmos guarida contra a investida arrogante que nos ameaçava.

No dia seguinte a primeira impressão que tivemos foi a de que estávamos perante outra paisagem: a mata da véspera lembrava campo bombardeado; por toda a parte lavrava a destruição, a angustiosa cenografia dos campos de batalha.

Uma fotografia aqui reproduzida (pág 181) dá ligeira ideia da obra de destruição realizada pelos elefantes furiosos.

No fundo do vale havia cinco animais mortos. A dois quilómetros, quase à beira da estrada, foi encontrado mais outro, que os companheiros conseguiram arrastar até lá. Uma noite de seis elefantes era caso raro, quase único.

Os pretos surdavam de toda a parte para o festim da carne: alegres, lépidos, com a gula a luzir-lhes na pupila.

Só o «Sabonete» andava carrancudo e silencioso, com cara de poucos amigos, ruminando amargamente uma cólera sombria. E tal era a sua catadura que o Pratas perguntou-lhe o que tinha.

E o solene cozinheiro, ofendido e magoado, respondeu:

— Uma *espingada* sem *cautuchos!*... Não é *paltida* que se faça a *pleto* nem a *blanco!*

E não nos perdoava o dispêndio da sua bela coragem a disparar uma arma vazia, que nada vomitava, por mais que lhe puxasse o gatilho.

Só se recompôs quando o fotografámos sobre um dos elefantes, com três espingardas ao lado!

Os Boers foram, durante a sua permanência no Sul de Angola, grandes caçadores. Criados no mato e habituados à vida aventureira e selvagem dos indígenas, dotados de boas armas, fisicamente adaptados ao meio, conhecedores profundos de todos os mistérios da selva, eram caçadores natos com todas as qualidades dos grandes caçadores.

Como não caçavam por desporto, mas sim por profissão, as suas aventuras eram naturalmente protegidas por uma segurança, que resultava dos próprios conhecimentos venatórios de que dispunham.

Todavía, também vários destes caçadores encontraram a morte às garras do leão ou do leopardo, sob as patas dos elefantes ou rinocerontes. Conhecemos um caso típico cuja narrativa pode concretizar algumas afirmações que atrás fizemos.

Chamava-se Van der Merwer e vivia para as bandas da Humpata. Louro, vermelho, duro como são os Boers, fazia longadas pelo mato fora em cata das peças mais rendosas.

E sucedeu que, tendo sido prevenido da presença dos elefantes em «serra baixa» (1), para lá marchou com um preto velho, que nestas coisas de caça às vezes o acompanhava.

É o terreno para esses lados muito coberto e traiçoeiro. Todo o esplendor da serra da Chela é feito do movimento impetuoso dos seus montes, da sombria profundidade dos seus vales, da imponência dos seus alcantis e fragas.

Cobre a terra uma guedelha hirsuta e densa que medra e se refestela com as águas que descem da serra e por todos os lados cantam, ora em luzida cascata ora em maneiro ribeirinho.

Pegou o caçador no rasto de uma manada e atrás dele seguiu por mau caminho, embrenhando-se em trilhos arresados que com rija musculatura ia vencendo paciente-mente. O preto ia lhe na cola como bom fraldiqueiro, imaginando já farturas de carne.

Toparam os bichos numa clareira, ao fundo do vale, gozando a sombra, mas não confiados de todo.

O boer escolheu a presa e atirou por entre os ramos. Logo ao som da explosão um macho arrancou furiosamente, soltando o grito de guerra, e arrasando os ramos que lhe faziam tropeço. Era custoso o terreno e não pôde o boer escapulir-se tão depressa que não fosse agarrado pela tromba do bicho.

Estava evidentemente perdido.

O estado em que o elefante o deixou foi tal, tão raivosa e assanhada a sua vingança, que o pobre velho, quando veio pelo patrão, recolheu num lenço tabaqueiro tudo o que restava do caçador — e foram esses os restos que foi levar à Humpata.

(1) Vertentes da serra da Chela.

A fadiga e os esforços que a caça ao elefante por vezes demanda só os pode avaliar quem por eles passou um dia. Por isso mesmo atribuímos tanta importância à condição física do caçador de elefantes.

Certa tarde, depois de termos palmilhado cerca de quarenta quilómetros sob sol estorricante, ora cruzando *chanas* alagadas de luz, ora mergulhando em matas densas e implicantes, encontrámos finalmente a manada que perseguíamos. As condições eram boas e permitiram-nos abater duas feras. Uma terceira, muito ferida, separou-se dos companheiros, que fugiam espavoridos pela rapidez do ataque e pela intensidade dos tiros. Era um macho opulento, de boas presas.

Seguros os dois primeiros, sobre cuja morte não tínhamos dúvidas, corremos em perseguição do ferido, na esperança de juntarmos mais uma unidade à caçada desse dia, o que seria resultado óptimo.

Mas o animal, apesar de bastante tocado, corria velozmente e perdemo-lo de vista em pouco tempo. Sentimo-lo na nossa frente, trilhando ramos e madeiras ressequidas, mas era evidente que nos ganhava dianteira e que cada vez se afastava mais.

Apesar disso, resolvemos não desistir. Desajudados pela vista e depois pelo ouvido, continámos a perseguição pelo rasto, em passo estugado, persistentemente, já esquecidos dos quarenta quilómetros que tínhamos galgado.

Quando, ao sol-posto, desembocámos numa *mulola* descampada e vasta, que se oferecia deliciosamente ao oiro do poente, vimos o nosso adversário, ainda em passo acelerado, atravessando-a em direcção à mata, a cerca de quinhentos metros de nós.

Reunimos as forças que nos restavam e deitámos a correr quanto podíamos, encurtando a distância que nos separava da fera. A cerca de sessenta metros esta pára e

faz-nos frente: má catadura, resfolegando, a tromba lançada para diante como trombeta de guerra a anunciar combate. Estacámos, comovidos. A apresentação da cabeça e o estado de esgotamento em que nos encontrávamos não nos permitiam grande confiança no primeiro tiro. E se este não fosse bom, piores seriam os seguintes, se o animal carregasse. O terreno não consentia fugas a coberto: uma grande arena, limpa e desanuviada, onde rapidamente seríamos alcançados pela tromba do bruto. Esperámos, imóveis, quinze, vinte segundos, um minuto talvez — um século de comoções. Carrega ou não carrega. Disparamos ou não?

Por fim o elefante, decerto hesitante também, voltou-se para continuar o seu rumo. Foi quanto bastou para lhe podermos meter uma bala no coração e tombá-lo. Ainda fez um esforço violento, desesperado, para se manter, inteiriçou-se todo em atitude de súplica, de raiva e de dor — e caiu pesadamente entre o capim como grande nau a afundar-se.

Não durou muito tempo a satisfação da vitória.

Onde estavam os *pisteiros*? E a água?

Sentiamo-nos arrasados e ressequidos. O esforço, o sol, a comoção tinham-nos chupado toda a água do organismo. Massacrava-nos a dor da desidratação. Beber, matar a sede era necessidade imperiosa — e, alguns minutos depois, obsessão.

Que fazer? Esperar o dia para voltarmos? Mas a noite só nesse momento principiava e já a sentíamos longa, enorme, interminável, para a sede que nos devorava.

Por fim resignámo-nos. Resolvemos acender a fogueira para nos proteger durante a noite e suportar o pesado sacrifício — a tortura indiscriminável da sede.

Quando juntávamos lenha apareceu-nos um dos *pisteiros* — o mais antigo, o mais fiel e dedicado. Tinha seguido o rasto da manada em fuga enquanto nós seguíamos o ferido. Como não tivesse conseguido alcançá-la, voltou para trás à nossa procura.

Mas o prazer que nos deu o encontro com o preto não podia durar nem fazer-nos esquecer a falta de água. Também ele abrasava de sede — éramos dois desesperados para quem todos os prazeres, todas as venturas, todas as esperanças, dependiam de uma gota de água.

Não podíamos pensar em voltar para trás. Não daríamos com o trilho do regresso na noite escura, nem a fadiga que nos minava permitia marchar as dezenas de quilómetros que nos afastavam do acampamento.

Mas era preciso beber.

De repente lembrámo-nos do elefante — daquele depósito de água cristalina que tantas vezes tínhamos observado no ventre dos elefantes. Sentimo-nos salvos, reconfortados, só com a ideia de irmos beber.

Lançámo-nos encarniçadamente sobre o ventre do animal, um grande balão onde os gases começavam a subir, e cavámos com alma naquela carne abundante até encontrarmos o depósito de água.

Foi uma desilusão amarga, insuportável: o líquido que lá descobrimos era um veneno qualquer, intragável, conjunto de todos os ácidos repugnantes e todos os amargores. Só o cheiro que exalava entontecia.

Arrastámo-nos penosamente para junto da fogueira e ali nos quedámos embrutecidos, arrasados, a recordar todas as cacimbas e regatos que tínhamos cruzado desde muitos anos atrás.

Felizmente a frialdade da noite e o cansaço atenuaram a sede e consentiram-nos um sono quase reparador.

Pelas quatro horas da manhã dávamos largas aos nossos recursos de dentistas na queixada do elefante e às nove trilhávamos já com segurança o caminho que na véspera tínhamos seguido.

Junto dos dois elefantes mortos no primeiro ataque estavam os nossos *pisteiros* dormindo regaladamente. Tinham encontrado água numa cacimba próxima e gozavam as delícias de Cápua.

Seguíamos o rasto há cerca de duas horas quando, repentinamente, o *pisteiro* estacou na nossa frente e se ficou imóvel como uma estátua. Um ruído pesado e denso de trovoadas distante vibrava na mata silenciosa.

Era o rinoceronte ressonando.

Estávamos decerto ainda longe da cama da fera, mas logo tomámos conta das armas, tratando de marchar com o maior cuidado. Com o cano das espingardas desviávamos cautelosamente os ramos que nos tolhiam o caminho; de ouvido à escuta cuidávamos em localizar o sítio onde o animal se encontrava.

A mata muito densa e emaranhada não permitia movimentos fáceis e livres, nem sequer corridas velozes.

O rinoceronte, todavia, não obriga a carreiras prolongadas — apenas as bastantes para se escapar da direcção em que ele acomete.

O som vibrante ia-se tornando mais nítido: nalguns momentos fazia lembrar o ressonar aflitivo de certas pessoas congestivas.

O *pisteiro* ia ficando prudentemente para trás.

Investigámos o ar em cata da *Tchiluanda*, não fosse ela denunciar-nos e privar-nos da comodidade de surpreender o bruto na cama.

Se conseguíssemos chegar a vinte ou trinta metros da fera, sem sermos presentidos, uma corrida ligeira e decidida levar-nos-ia à beira dela — e com uma bala infalível na coluna ou no cérebro teríamos o nosso problema resolvido. O rinoceronte não chegaria a acordar.

E com esta esperança fomos andando, pé ante pé, sem partir ramos, sem deixar gemer as folhas.

O vento estava óptimo: o fumo do cigarro mal era golfado logo corria para trás de nós, contra o rumo que trazíamos.

Andando sempre, guiados pelo som resfolgante que o bruto emitia, demos com uma pequena clareira, que fomos obrigados a atravessar, a descoberto. Estávamos a pouco mais de cem metros do animal, a avaliar pela nitidez com que ouvíamos o seu roncar pesado e denso.

Marchando com infinitos cuidados à espera do momento solene em que o iríamos descobrir, fomos repentinamente imobilizados pelos pios da *Tchiluanda*. E logo a vimos esvoaçar sobre a mata, um pouco mais adiante, para de novo baixar — decerto sobre o dorso do rinoceronte. O seu piar era aflitivo, insistente, denunciante. Não havia que duvidar: a *Tchiluanda* tinha-nos descoberto e esforçava-se por acordar e prevenir o amigo.

Não pensámos mais em ataque á queima-roupa. Preferimos parar e aguardar os acontecimentos, pois, no caso provável de carga, a pequena clareira em que nos encontrávamos permitia liberdade de movimentos que na mata era muito precária.

Não cessavam os avisos da *Tchiluanda*.

De repente o ressonar da fera transformou-se em ronco furioso seguido de grunhidos e silvos, que chegavam até nós, de mistura com o rumor de cavaços partidos e folhas agitadas. O rinoceronte tinha acordado e entregava-se decerto ao seu habitual bailado.

Tudo se passava com rapidez fantástica. As fases iam-se sucedendo precepidamente, em muito menos tempo do que o necessário para descrevê-las.

Logo ouvimos um ronco mais irritado e passos trepidantes de galope através da mata e na nossa direcção.

Nos efémeros segundos que decorreram desde a partida do animal até que o vimos surgir na clareira, o barulho que se aproximava, o fragor que se avolumava, o concerto de grunhidos e sopros, davam a impressão de avalanche a caminhar implacável e arrasante. Finalmente apareceu como torpedo, a cabeça baixa, a cauda no ar, numa nuvem de terra.

Furtámo-nos para o lado, precisamente a tempo, e saudámo-lo à passagem com os primeiros tiros, disparados a pouco mais de dez metros. O bruto tombou, mas logo se ergueu mais raivoso, mais louco, mais assanhado do que nunca. Os seus olhos faulhavam de cólera. Apesar de pequenos e sumidos não era possível deixar de os notar, tanta era a sua expressão de ódio e furor.

Veio para nós outra vez, arrasando no caminho, com facilidade inacreditável, um tronco de acácia robusto e bem assente no solo. Não se deteve com outras balas que lhe metemos no corpo e vimo-lo prosseguir vertiginosamente até mergulhar na mata densa, onde o perdemos de vista.

Não nos restava dúvida de que devia estar muito ferido e que iria morrer algures, não muito longe. Como estivéssemos afastados do acampamento, sem água nem mantimentos, resolvemos serguir-lhe na pegada imediatamente, para evitarmos maiores perdas de tempo.

O rasto era nítido e fácil; as gotas de sangue aqui e acolá confirmavam a nossa hipótese de ferimentos.

E que estes eram graves percebia-se pelo facto de o sangue vir empastado em bolhas de ar, espumoso, o que denunciava provir dos pulmões.

Caminhávamos cautelosamente havia cerca de meia hora quando ouvimos rumor de ramos que nos pôs de sobrevivo.

Era o rinoceronte à nossa espera. Tinha-se postado um pouco à direita do nosso rumo e preparava-se para nos estoquear à passagem.

Fixámos o ponto donde nos viera o ruído e marchámos obliquamente para a esquerda, de modo a termos tempo de nos esquivar a qualquer ataque brusco. E este não se fez esperar: mal atingimos a linha de enfiamento em que o bruto se encontrava, logo ele arrancou, com sanha assassina, na nossa direcção.

Esquivados a tempo, varámo-lo outra vez na passagem. O rinoceronte caiu ainda, tornou a levantar-se numa grande nuvem de terra e arremeteu loucamente, com o último

sopro de vida, de encontro ao tronco de uma enorme árvore que estava na sua frente. A árvore estremeceu toda com o embate violento e a fera caiu de vez. Tinha oito balas nos pulmões e coração.

Um dia, no nosso acampamento de caça, soubemos por um preto que andavam caçadores brancos nas proximidades. Estávamos então a muitas centenas de quilómetros do litoral, imensamente afastados dos núcleos de população europeia mais próximos — um desses «fins do mundo» que ainda se encontram no Sul de Angola.

Pelas indicações do preto os nossos colegas deviam estar a cerca de dez quilómetros.

Intrigados por não sabermos de quem se tratava, atraídos pela presença de homens da nossa raça, em região onde a sua passagem era rara, montámos a cavalo e dirigimo-nos para o acampamento dos brancos, com o pretexto cortês de oferecermos os nossos préstimos e cumprirmos galhardamente um dever de cortesia sertaneja.

No acampamento encontrámos apenas, além dos serviçais, um boieiro branco que tinha conduzido o carro boer e que já conhecíamos. Explicou-nos ele que estava ao serviço de dois alemães que tinham saído de manhã para a caça e que os esperava todo o momento para jantarem.

Os alemães tinham feito o que só alemães e ingleses fariam: atraídos pelas aventuras da caça, como D. Quixote pela cavalaria andante, isto é, fascinados pela copiosa literatura venatória que tinham devorado, compraram armas e bagagens e meteram-se a caminho da África para caçar.

Era a primeira vez que desciam ao continente negro e nunca tinham caçado animais de maior vulto que o gamo, em parques de caça alemães.

Desembarcados em Moçâmedes, procuraram guia ou caçador da especialidade. Mas como estivessem no mato os poucos que tais serviços poderiam prestar-lhes, não se intimidaram e resolveram prosseguir, sem mais esclarecimentos do que vagas e contraditórias informações, colhidas em conversa com gente que se interessava muito por histórias e aventuras de caça, mas que só tinha visto elefantes e rinocerontes em estampas.

Compraram um carro boer, cavalos e mantimentos, contrataram condutor branco e numerosos serviçais indígenas — e meteram-se a caminho com magníficas armas, todas as licenças e o seu belo entusiasmo de desportistas.

Quando encontrámos o seu acampamento, havia mês e meio que andavam pelo mato. Tinham abatido exemplares de espécies várias e relativamente fáceis e procuravam naquela altura, insistentemente, o leão, o elefante e o rinoceronte.

Haviam saído essa madrugada com dois *pisteiros* da região, que lhes asseguraram que os levariam ao encontro de elefantes ou rinocerontes.

Criaturas desta natureza não podiam deixar de ser curiosas e resolvemos esperá-las. Aquela vontade decidida de abater leões, elefantes e rinocerontes, sem guias nem prática de caça, não se detendo perante dificuldades nem obstáculos, era encantadora.

Há muita gente a quem o entusiasmo pela caça grossa leva a iniciar trabalhosas vilegiaturas — mas a maioria desiste perante as primeiras fadigas e decepções. Aqueles homens, animados pelo mesmo fogo, pareciam não estar dispostos a ceder, pois durante o mês e meio que tinha decorrido, grandes fadigas e contrariedades haviam decerto suportado.

Ao pôr-do-sol ainda os alemães não tinham voltado. O caso não era de espantar, pois a caça é acção que se sabe quando começa mas que não se prevê quando acabará, se os caçadores são dos que porfiam.

E como o tempo passasse, jantámos tranquilamente em volta da fogueira, ouvindo as histórias do boieiro.

A meio do jantar sentimos um ruído estranho que nos dava a impressão de galope de *palanca* desfechada na direcção do acampamento. Levantámo-nos surpreendidos e vimos, à luz esfarrapada da fogueira, um cavalo sem cavaleiro, perto dos bois, hesitante quanto ao caminho a seguir.

Era a montada de um dos alemães: sinal de mau agoiro.

Previendo tristes acontecimentos, tentámos descobrir o rasto do cavalo e segui-lo, até darmos com os caçadores. A noite estava impenetrável: noite maciça de lua nova; não havia forma de seguir trilhos acertadamente, mesmo com o auxilio das lanternas do acampamento.

Esperámos que os primeiros alvares da manhã consentissem o nosso intento e passámos a noite de vela, aferrados ainda a uma esperança ténue de vermos aparecer os alemães. Pôs-se mais lenha na fogueira, demos alguns tiros, cujo som corria a lonjuras naquele silêncio africano — e o boieiro, de vez em quando, internava-se na mata, a gritar.

Com as primeiras claridades do crepúsculo bispámos o rasto, e no seu traçado fomos palmilhando quilómetros em terreno fácil e descoberto. Ao cabo de duas horas, pouco mais ou menos, esbarrámos quase com um rinoceronte morto. A fera estava tombada de flanco, com enormes ferimentos de bala de grande calibre no ventre e na espádua.

Nenhum dos tiros tinha alcançado o coração, mas eram pelo menos, dez ou doze.

Tivemos uma esperança: os alemães teriam ferido o rinoceronte e tê-lo-iam abandonado, perdendo-se depois, por não saberem seguir o rasto. Os *pisteiros*, certamente, tinham-lhes fugido.

Seguimos então o rasto da fera e nele trilhámos mais de três horas até a pontos onde a mata se oferecia escavada, destruída, e que eram, sem dúvida alguma, da arena

onde se realizara o combate. Por toda a parte lavrava a devastação: a terra estava sulcada por pegadas de rinoceronte em todas as direcções, as árvores de menor porte estilhaçadas, ramos ainda frescos tombados aqui e além.

Junto de uma acácia encontrámos o corpo de um dos alemães triturado, esmagado. Percebia-se que eram restos humanos por causa da roupa ensanguentada que ainda vestia. O próprio crânio estava reduzido a massa informe. Vinte metros mais longe, e no mesmo estado horrível, vimos o corpo do outro caçador.

Do cavalo que faltava não sabemos o que teria sido feito.

Não foi difícil reconstituir a cena: postos em presença do rinoceronte, ou porque a raiva da fera os desmoralizasse ou, simplesmente, porque não soubessem furtar-se às suas investidas, foram sucessivamente colhidos, depois de tiroteio precipitado e sem eficácia imediata.

Lá jazem ambos no Sul de Angola, em duas sepulturas toscas, sobre as quais ainda há pouco tempo duas cruces de madeira abriam os braços piedosos.



À noite, no acampamento, em volta da fogueira



Elefante abatido em 1929 — Sul de Angola

GUIA DO CAÇADOR

Não foi intuito dos autores chamar caçadores à África. Julgam, todavia, que este livro ficaria incompleto se, logo neste primeiro volume da obra, não lhe juntassem algumas notas que, sob este título de «Guia do Caçador», respondessem a algumas das perguntas que imediatamente fazem aqueles que entre os seus projectos catalogam o de caçar feras em África, cada vez que regressam de caçadas às perdizes metropolitanas.

Há centenas de guias de caçadores publicados por esse mundo fora, embora em linguas estranhas. Poderíamos limitar-nos a dar a indicação bibliográfica onde os amadores, os candidatos e os simples curiosos encontrariam matéria farta e contraditória.

Estamos convencidos, porém, de que esses guias, à força de quererem ser meticulosos e completos, exageram certas dificuldades e perigos, complicam os elementos materiais e acabam por assustar — pelo menos no que diz respeito a despesas e embaraços — os mais decididos.

Depois de se lerem alguns desses guias, fica-se com a impressão de que só Rockefeller ou Pierpont Morgan podem caçar em Africa. E exige-se do caçador tão complicado material, tantas formalidades, tantos cuidados, que este, quando chega a matar o primeiro antilope, está, pelo menos, aborrecido.

Também o Jacinto da «Cidade e as Serras» saiu de Paris com os mais complexos aparelhos e o mais acabado

conforto, com o horror de Tormes, onde não havia elevadores para o peixe nem água encanada para o banho. E, afinal, não só pôde passar em Tormes sem tudo isso, como também foi mais feliz do que teria sido se conseguisse rebocar atrás de si a complicada maquinaria que tinha encaixotado.

Tegundo a maioria dos guias de caça, cada caçador sairia para a África como Jacinto saiu para Tormes.

Temos a impressão de que todo o exesso do conforto no mato, além de dispendiosíssimo, rouba à vida certa-neja grande parte da sua atracção e encantos, sem acrescentar grande coisa às probabilidades de abater caça.

Já caçámos em região riquíssima, onde havia acampamento faustoso: barracas tão confortáveis como qualquer casa, mantimentos que permitiam organizar ementas da mais acabada esquisitice, os melhores vinhos, casas de banho, pessoal numerosíssimo. Diante do acampamento estendia-se uma planície enorme, onde as manadas bravias de antilopes, zebras, gnus, *quissemas*, gazelas, pastavam e retouçavam aos milhares. Nas matas havia elefantes; de noite ouvia-se cantar o leão.

No fim da caçada tive a impressão de ter assistido a uma carnificina. Mais quatro ou cinco dias e teríamos perdido o entusiasmo pela caça.

Um dos motivos que mais poderosamente contribuem para a fascinação que a vida do mato exerce sobre todos aqueles que a viveram, é a satisfação que nasce das vitórias que constantemente se alcançam sobre as dificuldades que constantemente se levantam. E essas vitórias só são agradáveis e intensamente sentidas, quando de nós próprios, do nosso esforço, da nossa energia, da nossa inteligência — mais do que dos meios artificiais de protecção e conforto — extrairmos os elementos que as alcançam.

Aqueles que vão para o mato com automóveis blindados, *foie-gras* e caviar, numerosa criadagem, abundante guarda-roupa, copiosa farmacopeia — isto é, com a Europa civilizada e velha atrás de si matam por suas

próprias mãos o prazer, a ventura, o gozo de viver e lutar na selva.

Ora, o desporto venatório em África é, realmente, sempre caro — mas pode não ser caríssimo. E o indispensável está muito longe da abundante dose de elementos de toda a ordem que os guias de caça referem. As nossas notas destinam-se pois a estabelecer uma base de bom senso prático — porque no mato o senso prático é indispensável — acerca dos elementos materiais que são de prever e organizar na preparação e no decorrer de caçadas no interior de África.

Como nos capítulos anteriores, continuamos a referir-nos especialmente ao Sul de Angola.

I — *Mantimentos e transportes.*

Para caçar elefantes e rinocerontes e, de uma maneira geral, os grandes carnívoros, têm de percorrer-se grandes distâncias no interior. Como regra, os animais bravios vão desaparecendo onde o homem se vai fixando. Nas proximidades dos povoados, não só porque as distâncias são mais acessíveis ao caçador, como também porque a presença do homem é antipática aos bichos, estes cedem o lugar ao rei da criação e procuram asilos mais longínquos e seguros. As melhores regiões de caça são exactamente aquelas que o homem menos cruza.

Sempre que se abre nova estrada, em região fértil de caça, esta encontra-se em abundância e pode abater-se sem que seja preciso sair do veículo que nos conduz. Passado algum tempo escasseia — e, mais tarde, desaparece totalmente.

As caçadas em África exigem, por consequência, dispendio considerável de tempo, longos itinerários e preocupações em matéria de mantimentos e transportes.

Há alguns anos — e ainda hoje, embora raramente — empregava-se no Sul de Angola o carro boer. Com a sua

capacidade para três mil quilos de carga, a sua resistência, a força motriz de dez juntas de bois (espana), tinha a vantagem de ser meio de transporte económico e de grande rendimento, ao mesmo tempo que realizava um programa de pitoresco, beleza e de cor local, a que não podiam ser insensíveis os caçadores desportistas. Arrastava-se por todos os caminhos — nas encostas como nos vales, nas planícies como nos rios — à maneira de grande miriápode. O único inconveniente que justamente pode atribuir-se ao carro boer é a lentidão: dificilmente é possível alcançar dele rendimento de marcha superior a trinta quilómetros por dia.

O outro transporte utilizável é o automóvel, que, praticamente, se pode deslocar hoje em todas as regiões de caça no Sul de Angola.

Se tivéssemos de aconselhar alguém que em estação de caça apenas procurasse emoções de desportista e a vida do mato em toda a sua beleza e fascinação, dir-lhe-íamos que escolhesse o carro boer e o acompanhasse a cavalo.

Para os que têm pressa e são obrigados a sacrificar ao tempo algumas emoções, impõe-se o automóvel.

Entre estes é de preferir a camioneta ligeira e — sendo possível — esta e a chamada «carrinha» automóvel: uma pequena camioneta, fácil como um carro ligeiro e que pode, todavia, transportar 500 quilos de carga.

Em matéria de transportes é necessário pensar na condução do pessoal e material até à região de caça e nos deslocamentos que houverem de fazer-se por motivo de longas marchas, ou para carregar animais corpulentos que não poderiam ser transportados a dorso de preto.

Para servir todas estas necessidades, em estações de caça de algumas semanas ou meses, aconselhariamos um carro e uma «carrinha» boer ou uma camioneta e uma «carrinha» automóvel. O carro boer ou a camioneta para a carga mais pesada e as «carrinhas» para o transporte do pessoal, armas, munições, roupas e para os pequenos deslocamentos em volta do acampamento.

O emprego de cavalos também é de aconselhar, se bem que não seja indispensável — sobretudo para as marchas de regresso ao acampamento.

Os mantimentos devem ser escolhidos de forma tal que os hidratos de carbono constituam a base de alimentação do caçador. Este encontrará sempre magnífico peixe nos grandes rios do Sul de Angola e preciosíssimas carnes entre as peças que vai abater. Leite também o obterá com facilidade, e tanto quanto quizer, em regiões que têm na pecuária a sua principal riqueza. O álcool, sob qualquer forma, deve ser inteiramente banido.

A despensa do caçador deverá pois munir-se de arroz, feijão, batatas, massas alimentícias, açúcar, farinha de trigo, café e chá, e os temperos usuais. Conservas, só as de frutas e legumes são aconselháveis. O pão ou será fabricado no mato pelo cozinheiro, ou será substituído pela bolacha. Uma das formas de conservar o pão mole e agradável durante muitos dias é amassá-lo com manteiga e conservá-lo guardado dentro de caixas forradas com folha de zinco.

A estes géneros, que são os indispensáveis e com os quais não há caçador que não passe muito bem no mato, podem evidentemente acrescentar-se dezenas de outros. Todavia, é conveniente pensar que o espaço dos carros é limitado e que no regresso há peles, dentes, cabeças, despojos de toda a espécie, que precisam encontrar também espaço livre.

A alimentação deve ser abundante e simples. Repetimos: a base será fornecida pelos hidratos de carbono.

Um bom cozinheiro é naturalmente indispensável. Realizada esta condição, ele saberá sempre tirar partido, não só do que leva na despensa, como também dos recursos locais.

Estes podem considerar-se apreciáveis, no Sul de Angola, em galinhas, ovos, leitões, cabritos, leite, manteiga, peixe, carne de caça — por vezes, na proximidade dos postos ou circunscrições, magnífica hortaliça.

Escusado será dizer que os mantimentos se devem conservar sempre debaixo da guarda e vigilância de um branco. Arrumam-se à partida, bem embalados e protegidos, no carro maior, com excepção das quantidades a utilizar em viagem, que seguem no carro mais pequeno, para consumo imediato.

Como elementos complementares da alimentação, em determinadas circunstâncias, são de aconselhar duas ou três caixas de águas minerais e uma ou duas garrafas de vinho quinado.

As quantidades são naturalmente proporcionais ao número de caçadores.

A estes mantimentos há que juntar os dos indígenas: farinha de milho, ou *fuba*, e algum peixe seco. Com esta alimentação, e a carne ou peixe que facilmente se alcança no caminho ou em volta do acampamento, o preto tem a sua felicidade absolutamente garantida.

O problema da água é dos mais sérios a resolver. Nem sempre se encontra e, quando se encontra, nem sempre é boa.

Não é fácil transportar do planalto, onde a água é excelente, a quantidade necessária para muitos dias de viagem e estadia no mato. Todavia é de aconselhar que se leve a maior quantidade possível, para dela fazer uso só nos lugares em que não há outra água potável. A forma mais simples de resolver o problema é instalar os acampamentos junto dos rios de curso permanente, onde, mais longe ou mais perto, se encontram todas as espécies de caça em abundância. O filtro é aconselhável, mas ou é muito pesado, ocupando muito espaço, ou é muito frágil. Supre-se a sua falta fervendo todas as noites água em abundância para o dia imediato.

O caçador durante a marcha e os estacionamentos de marcha deve beber pouca água e a pequenos goles.

Uma coisa é a sede que resulta da secura das mucosas da boca e do aquecimento do corpo por causa do calor ambiente, outra coisa é a sede que provém da desidrata-

ção dos tecidos. Só esta é necessariamente reparável com quantidades de água iguais à que se perde pelas urinas, suor e transpiração. A primeira deve suportar-se ou mitigar-se apenas com bochechos de água. Não é a ingestão do liquido que sacia esta sede. E o caçador que não se disciplina sobrecarrega o estômago, continua sequioso e não há água que o sacie.

O abuso prejudica a resistência — e esta é a faculdade mais necessária ao caçador.

As regras de alimentação, quanto a refeições e à sua regularidade, nem sempre são fáceis de seguir.

Como ponto de referência parecem-nos indicadas as seguintes: o *mata-bicho*, primeira refeição africana: café ou café com leite, bolachas ou pão, de madrugada, antes de sair do acampamento para caçar.

Almoço, ou farnel correspondente ao almoço, para comer cerca do meio-dia ou uma hora da tarde.

Jantar ou farnel correspondente ao jantar pelas seis ou sete horas da tarde.

Uma refeição ligeira, semelhante ao *mata-bicho*, cerca da meia-noite, nas esperas ou em qualquer caçada à noite.

II — Acampamento.

A escolha de local para acampamento deve obedecer, entre outras, às seguintes condições:

- 1.^a Estar em plena região de caça;
- 2.^a Ter água próxima;
- 3.^a Tratar-se de local abrigado do sol e dos ventos e que seja pitoresco.

O Sul de Angola oferece, sem dificuldade, centenas de óptimos locais para acampamento. Cruzado por quatro grandes rios de curso permanente, nas margens dos quais todas as espécies de caça abundam, não é difícil realizar aí todas as condições essenciais aos bons acampamentos. Quanto à organização material destes, os limites são largos.

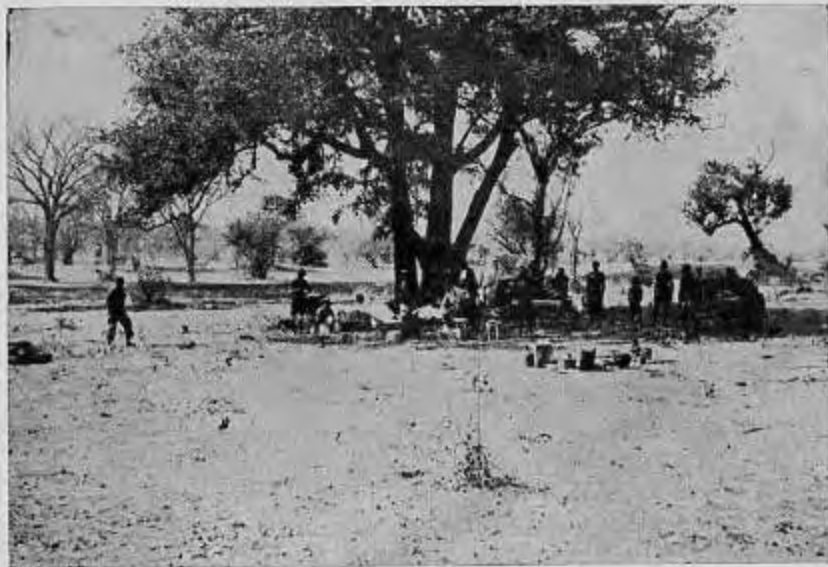
Se um príncipe real ou um milionário os pode estabelecer com magnificência e com essas desgraçadas faculdades e tendências de civilizar ou complicar o que é naturalmente belo e simples, qualquer pessoa com menos recursos e mais amor pelas belezas e emoções sertanejas os pode organizar confortavelmente.

O acampamento deve ser bastante simples, para ser bastante prático; poder levantar-se rapidamente; ser confortável, não ocupar muito espaço nos carros.

O emprego de barracas, na estação em que se caça, julgamo-lo dispensável no Sul de Angola. Não as usamos e damo-nos muito bem com o costume. Se chove, o que é raríssimo, ou se o cacimbo é abundante, o que também não é vulgar nos meses de Julho a Outubro, os pretos se encarregarão de nos construir rapidamente, sobre as camas, uma cobertura protectora, de ramos e capim. Com tempo fixo, a cama de campanha, bem provida de cobertores — porque no Sul de Angola o frio de noite é intenso — à beira da fogueira, ao ar livre, sem mais coberta que um céu esfuziante de estrelas, é quanto basta para nos garantir um sono reparador, do qual se desperta com a melhor das disposições.

O mosquiteiro é indispensável quando na região há mosquitos. Isto não quer dizer que tenhamos as barracas por inconvenientes. A única desvantagem que lhes atribuímos é a de ocuparem muito espaço e muito tempo. Aconselhá-las-íamos às pessoas que pela primeira vez dormem no mato e que ignoram as suas faculdades de adaptação ao meio. Escolhe-se em geral para acampamento a sombra de uma árvore de grande porte, debaixo da qual caibam os carros, as camas, o refeitório e a cozinha. O bom gosto dos caçadores preferirá entre várias a que mais belo cenário lhes oferecer.

As camas ficam do lado mais abrigado dos ventos, a cozinha do lado oposto, de forma que a aragem leve para longe de nós o fumo e o cheiro, o refeitório próximo da cozinha. Os mantimentos devem estar no refeitório, à



Acampamento de caça



Pisteiros no acampamento

guarda e vigilância de um dos caçadores encarregado das funções de «dona de casa»; as armas, munições e a bagagem pessoal dos caçadores, perto das camas.

Um dos caixotes maiores — o do pão, por exemplo, serve de mesa para as refeições. As caixas mais pequenas, as próprias camas ou bancos desmontáveis, fornecem assentos. A louça (dois pratos, um copo e um talher por caçador) será de esmalte ou de alumínio. Duas ou três garrafas «Thermos», uma frigideira, uma caçarola, uma panela e os restantes utensílios de cozinha, completam a bateria.

Um ou dois lampiões de petróleo ou gasolina garantem à noite iluminação magnífica àqueles que não se contentam com a luz mortíça da fogueira. Em todo o caso é de lembrar que a luz dos lampiões atrai os mosquitos e que a chama da fogueira os afasta.

Resta munir o acampamento com o material de higiene. Uma lata de gasolina com torneira e ralo adaptados ao fundo, podendo suspender-se em qualquer ramo de árvore, fornece o melhor dos chuveiros. As tinas de lona, que os catálogos de artigos comerciais anunciam, além de não serem bastante resistentes sob o ponto de vista da duração, ocupam muito espaço e são muito menos práticas do que se imagina. O banho de chuveiro, até sob o ponto de vista fisiológico, e cuja preparação é de simplicidade infantil, resolve inteiramente, e da melhor forma, o problema da higiene diária dos caçadores.

A bacia de folha ou de esmalte garante magnífico lavatório.

O pessoal servente de que os caçadores precisam é variável com o número destes. No caso de um a três caçadores com dois carros, julgamos que o mínimo indispensável seja, além dos condutores: um cozinheiro, dois serventes e dois *pisteiros*. Cozinheiro e serventes encontram-se facilmente nos pontos de partida. Um bom *pisteiro* é sempre difícil de encontrar — e muito mais difícil para

quem não conhecer perfeitamente as regiões que vai atravessar e os povos que nelas vivem.

Há sempre pretos que se oferecem para *pisteiros*, que prometem mundos e fundos, mas são poucos aqueles em quem se pode ter confiança. E é sempre imprudente o caçador que se fia nas informações e histórias dos pretos, seguindo-os sem mais ciência que a deles, nem mais protecção.

É certo que abundam os caçadores indígenas e que estes, até pelos processos especiais que usam para caçar, são naturalmente *pisteiros*. Mas entre o *pisteiro* para uso próprio, que cada um deles é, e o *pisteiro* que serve ao caçador branco, há um abismo.

Como regra só tem bons *pisteiros* o caçador que os educa e ensina. É por consequência, junto destes que é necessário procurar o que se precisa.

De resto, não aconselhamos ninguém, desconhecedor da região ou da caça em África, a ir para partidas de caça no mato africano, sem se fazer acompanhar por caçador experimentado.

Um acampamento não será completo sem uma pequena farmácia para os casos mais urgentes, frequentes e perigosos.

Os conselhos que sob este ponto de vista poderíamos dar teriam sempre o ar de pretensiosos. Será preferível que o caçador, antes de partir, oiça, sobre este assunto, um médico que seja ao mesmo tempo homem habituado a longas viagens no mato. O certo é que, por mais completa que seja a farmácia, faltará sempre alguma coisa em caso de doença grave. O critério que deve presidir à escolha dos medicamentos será fundado em regras gerais estabelecidas sobre casos habituais.

Limitamo-nos apenas a dizer como procedemos, sem que com isso pretendamos dar conselho ou convidar alguém a seguir o nosso exemplo. A nossa farmácia contém,

em geral: um frasco de cem comprimidos de quinino de 25 cg; comprimidos de Lactobil em número variável; sulfato de sódio em doses de 30 gramas; sais de frutos; bicarbonato de sódio; algumas hóstias de bismuto; tintura de iodo; aspirina; permanganato de potássio; ácido pírico; algodão, compressas e ligaduras; álcool; borato de sódio; colírio de sulfato de zinco; meia dúzia de ampolas de soro antivenenoso; duas ampolas de soro antitetânico; duas seringas e agulhas várias; um saco de borracha para água quente; um irrigador.

III — *Bagagem pessoal do caçador.*

Depende evidentemente das predilecções e das necessidades de cada um. O engenho do caçador que se empregue, pois, em organizar a sua bagagem, sob condição de não ocupar muito espaço.

Julgamos indispensável, além da aparelhagem corrente e necessária a todo o homem que se lava e faz a barba: um par de botas sobresselentes, um chapéu de feltro de abas largas, quatro mudas de roupas, estojo de costura, um saco de água, faca de mato, lanterna de algibeira com pilhas sobresselentes.

IV — *Armas e munições.*

Com todas as armas se podem abater animais selvagens. Caça-se há muitas centenas de anos e tem-se caçado com todas as espécies de armas.

Os povos atrasados, que são no presente sobrevivências de tempos antigos, caçam ainda hoje com armas rudimentares. Se pudéssemos reunir representantes de todos os estados civilizatórios e sociais que hoje existem no Mundo, veríamos um mostruário completo e variadís-

simo das armas com que nos últimos quatrocentos anos se tem morto caça.

Desde a azagaia com que muitos indígenas matam feras, como o leão e o leopardo, até à espingarda de *piston*, que tem abatido inúmeros elefantes, e à espingarda moderna dos grandes caçadores civilizados, a variedade é enorme.

Nos últimos vinte anos a evolução das espingardas de caça tem procurado servir não só a mais completa efficacia de tiro mas também a comodidade do caçador. O aperfeiçoamento tem-se manifestado no sentido de aligeirar a arma e o calibre, aumentando consideravelmente a velocidade inicial dos projecteis.

A enorme e pesada espingarda de há vinte ou trinta anos, com mais de sete quilos de peso e balas que iam até 80 e 90 gramas, calibre 800 e velocidade inicial de 400 metros, foi cedendo o lugar a espingardas cada vez mais leves, de menor calibre e menor peso de bala, com maior velocidade inicial. Reconhecido que tanto se podia matar um animal com uma bala pesada e lenta como com projectil leve e rápido, a evolução da espingarda tem procurado armas cada vez mais leves e de maiores velocidades iniciais.

Todavia, a arma permanece função do objectivo a que se destina e os seus elementos têm limites variáveis com a estrutura dos animais. E o facto de se terem morto elefantes com a Mauser 6^{mm},6 não pode levar a concluir que seja essa a arma recomendável para caçar estes animais.

Nem só a força viva do projectil é elemento de considerar numa arma, como supõe grande parte dos caçadores.

Piaut-Beaurevoir, que se tem dedicado com notável proficiência ao estudo da balística de caça, diz no seu livro «Le Fusil rayé pour le tir du Gros Gibier»:

«Os caçadores de caça grossa, anciosos por aprofundar a sua arte, preocupam-se muito com o conhecimento

da energia cinética dos projecteis que usam. E nisso se resumem todas as suas preocupações, julgando que o efeito mortifero da bala deve ser sempre proporcional à sua força viva. Procedendo assim param a meio do caminho porque, mesmo com energia cinética igual, não é indifferente que os projecteis alcancem os tecidos com velocidade fraca ou forte, nem que sejam de grande ou pequeno calibre.

«As qualidades mortiferas dos projecteis apreciam-se, não só segundo a força viva com que entram nos tecidos, mas também segundo a energia despendida durante a sua penetração no corpo do animal — energia cujos efeitos, por muitas razões, não estão em exacta proporção com a força viva das balas no momento em que tocam o alvo.

«A maior parte dos mal-entendidos e a multiplicidade das experiências infrutuosas, e sempre onerosas, que estes mal-entendidos costumam, dizendo respeito ao emprego das armas e munições próprias para o tiro aos grandes mamíferos, provêm de não se considerar bem a forma como os diversos elementos do projectil — peso, velocidade, calibre — concorrem, cada um por seu lado, para produzir um efeito mortifero.

«Em todas as coisas nada provém do nada. É preciso despendar energia para efectuar trabalho; ora, a dilaceração dos tecidos, bem como a fractura das peças ósseas do animal, são trabalhos. Mas se se calcula, por exemplo, que o trabalho de destruição necessário para abater um animal de dada corpulência representa 400 quilogrâmetros, esta indicação não fornece, só por si, o peso da bala e a velocidade convenientes, porque a uma energia cinética determinada corresponde uma infinidade de pesos e velocidades, contanto que os pesos e as velocidades da bala estejam entre si em certa relação. Assim, 400 quilogrâmetros pertencem a um projectil de 40 g a 445 m de velocidade, ou de 30 g a 520 m, ou de 20 g a 625 m, ou de 10 g a 890 m, sem contar com as relações intermédias. Não se pode tratar pois de calcular

qual seja o melhor peso do projectil e qual a melhor velocidade. O problema posto desta forma não tem solução. O que se pode fazer, todavia — e com utilidade — é determinar uma certa zona de velocidade, de peso das balas e de calibres, dentro da qual tenhamos a certeza de encontrar soluções vantajosas para tal ou tal resultado, e fora da qual as combinações que se poderiam procurar seriam necessariamente desvantajosas. Essa zona mantém-se entre 600 e 750 metros para as velocidades, entre 30 e 15 gramas para os pesos, entre 11^{mm},5 e 8 milímetros para os calibres.

«Porque, pensar-se-á, não empregar velocidades iniciais inferiores a 600 metros, visto que, como se disse, as velocidades mais fracas não constituem obstáculo à obtenção de uma força viva elevada, utilizando para isso simplesmente uma bala pesada? — Porque para uma mesma energia na boca de fogo e na mesma arma, quanto mais fracas são as velocidades, maior é o recuo, mais curva a trajectória e menor o poder explosivo do projectil no corpo do animal.»

Seria interessante, mas não o comporta a índole deste livro, uma exposição balística tendente a fornecer as bases científicas para a escolha de uma arma. Seria assunto para muitas dezenas de páginas. Demais, além da obra que citámos, outras há publicadas, como por exemplo a «Balistique cynégétique» do mesmo autor, onde aqueles que desejarem fazer deste estudo uma especialidade encontrarão facilmente tudo o que precisam para saciar a sua curiosidade.

Tendo chamado a atenção do leitor para os aspectos mais importantes do problema, limitamo-nos a apreciar, por assim dizer, conclusões, dispensando-nos duma demonstração científica.

Faremos apenas mais uma transcrição do livro atrás citado, a qual esclarece as dúvidas mais importantes quanto à escolha de armas:

«Encarando isoladamente a questão do melhor calibre, quando se trata de utilizar respectivamente 100, 200, 400 e 800 quilogramas sobre animais de pesos apropriados a cada um destes caudais de força viva, chega-se a diâmetros de projecteis correspondentes aos calibres 20, 16, 12 e 10. Estes diâmetros, que estão compreendidos entre 16 e 19,5 milímetros, são, pois, muito maiores que aqueles que habitualmente se usam e que não excedem 13 a 14 milímetros.

«A razão deste afastamento não está na exactidão das bases experimentais. O calibre óptimo para tal ou tal força viva procura realmente os resultados sob o ponto de vista da rápida difusão da energia cinética... mas é necessário que o atirador queira ou possa submeter-se às desvantagens de um acréscimo de calibre.

«Os grandes calibres, uma vez que se lhes exija potência elevada, tendem a produzir recuo violento, enquanto que em circunstâncias de força viva moderada (200 kgm por exemplo) não há que recear o recuo mesmo com balas grandes e pesadas. Além disso, a fim de não ser obrigado a atirar com balas excessivamente pesadas, é-se obrigado a encurtá-las, utilizando mesmo as balas esféricas, projecteis que têm grande tendência para a perda de velocidade e de precisão. Para atenuar estes inconvenientes, é necessário que o caçador se resigne a usar armas muito pesadas (para diminuir o recuo) e a atirar a distâncias muito curtas (para que a bala tenha ainda, ao encontrar o animal, bastante força e precisão).

«Só nestas condições é possível tirar partido do calibre óptimo. Tal era, por exemplo, o caso das espingardas usadas antigamente na Índia contra os grandes animais. Estas armas lançavam a bala esférica de calibre 10, pesando 44 gramas, com cerca de 600 m de velocidade ini-

cial. Os 800 quilogrametros assim obtidos eram empregados no melhor calibre e os caçadores nunca se queixavam do rendimento das suas balas. Mas eram atiradores que não se importavam que uma espingarda pesasse 7 quilos e mais e que não receavam um recuo superior a 6 kgm. Não atiravam também a distâncias superiores a 30 ou 40 passos.

«Hoje querem-se espingardas relativamente leves (não superiores a 4,5 quilos) e quer-se poder atirar a 200 e 300 metros; enfim — condições antagónicas — exige-se que uma arma leve produza pequeno recuo (5,5 kgm o máximo). Estes objectivos actuais não podem ser satisfeitos senão pela diminuição do peso da bala, o que naturalmente importa redução de calibre.

«A força viva igual, quanto mais pesado é o projectil mais intenso é o recuo. Assim, uma bala de 10 gramas, a 800 metros de velocidade, tem a mesma força viva que uma de 40 gramas a 400 metros; todavia, esta mesma bala provoca, em números redondos, um recuo quatro vezes mais forte do que a primeira. Nestas condições, compreende-se que se limite o acréscimo do peso dos projecteis e, por consequência, o acréscimo do calibre. Para o tiro aos grandes mamíferos é preciso poder dispôr de cerca de 600 quilogrametros, o que é obtido por uma bala, ou de 20 gramas lançada a 770 metros de velocidade, ou de 30 gramas a 630 metros, ou de 40 g a 545 m; ou de 50 g a 490 m, ou de 70 g a 415 m, etc. Numa arma de 4,5 quilos e com pólvora piroxilada o recuo passa de 4,2 kgm, para a bala de 20 g, a cerca de 12 kgm para a bala de 70 g. O limite admitido para o recuo de 5,5 a 6 kgm é atingido com o projectil de 30 g. Portanto, há que eliminar as balas de peso superior a 30 g.

«Da mesma forma um limite é imposto ao calibre. Com efeito, com uma massa de chumbo de 30 g não se pode fazer um projectil de calibre superior a 16, número que corresponde à forma esférica. Ora, para um dispêndio de 600 kgm, necessários para os grandes animais, o cali-

bre óptimo deveria ser quase um calibre 10 e não um calibre 16.

«Por consequência, o recuo obriga a reduzir o calibre.

«Além disso, o calibre 16 não podia ser empregado senão recorrendo à bala esférica, o que não é realizável pelas razões seguintes: um projectil não deve ter um grande diâmetro em relação ao seu peso, a fim de poder atravessar convenientemente as camadas atmosféricas e, por consequência, conservar a sua velocidade, a sua energia e a sua precisão.

«Desgraçadamente a forma esférica, que permite realizar o maior calibre, é exactamente aquela que oferece à acção retardadora do ar a maior secção diametral em relação ao volume e, portanto, ao peso. É, pois, a forma menos apta a conservar a energia cinética, possivelmente armazenada no projectil à custa dum recuo muito sensível ao ombro. É preciso, por consequência, reduzir ainda o calibre para dar à bala um alongamento suficiente. Este comprimento está fixado num mínimo de cerca de dois calibres, o que impõe, para um peso de 30 g, um diâmetro de 12 a 13 milímetros. Estamos, pois, longe do diâmetro de 19 milímetros, ao qual se chegará procurando exclusivamente utilizar o mais vantajosamente possível 600 kgm no corpo de animais apropriados a esta força viva.

«Em resumo, visto que, pelos motivos que acabamos de expôr, se é obrigado a recorrer a calibres bem mais pequenos que aqueles que realizaram a melhor utilização dos diferentes caudais de força viva, para os grandes animais, procuraremos então o maior calibre praticamente utilizável. Entre várias soluções, equilibrando suficientemente as diversas exigências do tiro, pode sempre escolher-se sem receio o calibre mais largo.

«Eis um primeiro ponto a fixar. E o que vem de ser exposto acerca do calibre permite-nos ser mais curtos acerca da velocidade, que, pode dizer-se, tem vantagens e inconvenientes inversos dos do calibre. Grandes calibres

e grandes velocidades conduzem ao mesmo resultado: facilitam ambos, ainda que de forma diferente, o dispêndio da força viva do projectil no corpo do animal. Mas, se é fácil obter um grande calibre, é difícil alcançar uma grande velocidade — pelo menos uma velocidade suficientemente grande para ser tão eficaz como o grande calibre. Com um grande calibre a regularidade da acção dos projecteis é mais manifesta que com uma grande velocidade.

«Pelo contrário, com esta pode beneficiar-se de certos tiros pelos quais a rápida difusão da energia da bala chega a produzir verdadeiros efeitos explosivos. Enfim, com um grande calibre é difícil alcançar um recuo pouco violento, ao passo que com grande velocidade é fácil obter um recuo ligeiro sem nada sacrificar da energia do projectil: basta empregar uma bala leve e rápida. Por consequência — e este é o segundo ponto a reter — procuraremos sempre a bala mais leve e a maior velocidade possível.

«Eis-nos, portanto, no ponto sensível da questão.

«E o problema põe-se duma maneira perfeitamente clara: para construir uma arma potente, tendo todavia um recuo razoável e dotado, além disso, dum projectil apto a despendar toda a sua energia no corpo do animal, *é preciso poder reunir nesta arma a bala mais leve, com o calibre mais largo e a maior velocidade.*»

Julgamos, pois, em face do que atrás se transcreve e daquilo que constitui a nossa experiência pessoal, que na escolha da arma, ou armas, para caça grossa em África, o ponto de partida deve ser óado pela corpulência do animal que se pretende caçar. A mesma arma, por mais qualidades que reúna, não pode, evidentemente, servir igualmente para qualquer espécie de caça — a não ser que aceitemos que a espingarda para o elefante e rinoceronte, por ser a de efeitos mais mortíferos, deva ser empregada para as próprias cabras do mato, o que sai caro



Um carro boer atravessando o Cunene



Doas camionetas naufragadas no rio Cunene em serviço de caça

e estraga, por exemplo, certas pelagens que o caçador desejaria alcançar em bom estado.

Parece-nos pois que a espingarda de 7 a 8 milímetros de calibre, com velocidade inicial de 600 a 700 metros e bala do peso de 10 a 15 gramas, realiza boas condições para a caça dos antílopes, leão, leopardo, zebra, gnu, avestruz, etc. Para os grandes mamíferos a arma de 9 a 10 milímetros, com velocidade inicial de 650 a 750 metros e peso de bala de 20 a 25 gramas, satisfaz plenamente.

Com estas características há dez ou doze marcas muito boas, entre as quais o caçador pode fixar as suas preferências.

E como cada fabricante de espingardas fabrica ou aconselha as munições que melhor lhes convêm, são de seguir as suas indicações, tendo apenas em conta que para os grandes mamíferos é preferível o emprego da bala sólida ao da bala expansiva com ponta de cumbo.

Ao caçador que vá caçar em África durante três meses, aconselharíamos, por consequência, como armamento e munições, o seguinte :

Uma espingarda calibre 7 a 8, velocidade inicial 700 metros, 250 cartuchos de ponta de chumbo e 100 sólidos, de peso de bala não superior a 15 gramas ;

Uma espingarda calibre 9 a 10,75, velocidade inicial 700 metros, 300 cartuchos sólidos, de peso de bala entre 20 e 25 gramas ;

Uma espingarda caçadeira, calibre 12, de boa marca, 200 cartuchos com chumbo N.º 3 ou 5, 100 cartuchos com chumbo N.º 1, 100 cartuchos com chumbo 3 B B. Espingarda a utilizar não só para a caça miúda que alimenta a cozinha do caçador, mas de muita eficácia, quando a curtas distâncias, para a raposa, pequenos antílopes e até para o próprio leopardo ;

Uma pequena espingarda tipo Flobert (calibre 22) para aves e animais de pelagem delicada, como a lontra, por exemplo, 200 cartuchos.

No número de cartuchos que indicamos estão incluídos não só os necessários para a caça propriamente dita, mas também aqueles que o caçador deve consumir, sob pretextos vários, para aperfeiçoar as suas qualidades de atirador — para o seu treino.

As armas são, em geral, conduzidas pelos *pisteiros*, mas o caçador deve empunhar a necessária no momento em que se julga próximo dos animais.

É imprudente esperar o aparecimento destes para pegar na espingarda ou confiar a um preto o cuidado de carregar as armas. Tudo o que diz respeito à espingarda deve ser cuidadosamente feito ou fiscalizado pelo caçador que dela se vai servir.

V — Despojos.

Todo o caçador caça com mira nos despojos. O profissional, pelo valor material que eles têm; o amador, porque logo lhes atribui valor estimativo que não pode deixar de ser grande. Demais há despojos de caça indiscutivelmente belos e úteis, seja para quem for.

Impõem-se, por consequência, algumas indicações sobre a forma de colher e conservar os despojos de caça, até que uma preparação definitiva na Europa lhes assegure a faculdade de durarem indefinidamente.

Trataremos dos despojos em geral e, especialmente, dos do elefante e rinoceronte, que constituem a matéria de fundo deste volume.

No elefante, o despojo rico é, naturalmente, o marfim.

É por causa dele que os elefantes são perseguidos e, sob o ponto de vista material, nenhum outro despojo justificaria a morte de elefantes pelos caçadores europeus.

As presas do elefante estão fortemente cravadas no maxilar superior, a grande profundidade, tornando se por consequência difícil a sua extracção. É sempre preferível, quando as circunstâncias o permitem, aguardar um ou dois

dias, após a morte do animal, para lhe extrair as pontas. A operação tornar-se-á menos trabalhosa. O processo a seguir consiste em cortar a tromba e descarnar a parte anterior da cabeça até deixar os alvéolos a descoberto.

Com uma machadinha vão-se partindo depois os ossos do maxilar até deixar as pontas inteiramente a descoberto. Estas não carecem de qualquer operação tendente a conservá-las. Uma vez extraídas, estão aptas a ser carregadas nos carros sem mais preocupações.

Outros despojos são o esqueleto da cabeça, o pé e os pêlos da cauda. Não consideramos a carne e a pele, que devem constituir bens dos indígenas. A primeira não é utilizável pelos brancos nem o seu valor compensaria as despesas de transporte; a segunda, que poderia ter talvez diversas aplicações práticas, é demasiadamente pesada para valer a pena conservá-la. Os pretos comem a carne com extraordinário prazer e fazem sandálias e outros objectos da pele do elefante.

O esqueleto da cabeça do elefante é despojo difícil de transportar. A maneira de o colher e conservar é a seguinte: separa-se a cabeça pela terceira ou quarta vértebra cervical, cortando os poderosos ligamentos que as unem. Descarna-se tanto quanto se puder e, em seguida, enterra-se durante alguns dias ou semanas na areia húmida do mar. Outro processo consiste em lançar a cabeça já descarnada à água do rio, bem presa com uma corda, e conservá-la aí até que a decomposição e a voracidade dos peixes deixem os ossos completamente limpos. Em qualquer caso é processo demorado e difícil.

O pé do elefante, se bem que seja despojo trabalhoso de preparar, é, todavia, muito mais fácil e menos demorado. Corta-se a pele um pouco acima da articulação do joelho (0,40 a 0,45) e separa-se, por desarticulação, cortando os ligamentos pacientemente.

Descarna-se interiormente, escavando pouco a pouco em profundidade, ou abre-se o pé por meio dum golpe longitudinal na parte traseira, o que permite descarnar

mais facilmente. Este golpe é depois cosido a tripa ou cordel ensebado.

É preciso o maior cuidado para não deixar ficar a menor parcela de carne, pois, em caso contrário, ou o pé apodrece ou fica com cheiro que nunca mais sai. Sempre que for possível é conveniente lavar o interior da pele com água desinfectante, de preferência uma solução de ácido fénico a 3 por cento. Depois desta operação, põe-se a secar à sombra, em lugar bem arejado. Uma vez seco, está pronto a ser transportado até à preparação definitiva na Europa.

Como, quando a pele seca, fica cheia de rugas e completamente deformada, para o preparar é necessário pô-lo algum tempo de molho até ficar flácido. Uma vez neste estado, enche-se de areia fina, dando-lhe a forma do pé, e pendura-se a secar, sempre à sombra. Antes de deitar a areia, é conveniente polvilhá-lo interiormente com qualquer pó desinfectante.

O que depois se pode fazer deste trofeu — desde o bengaleiro ao cesto dos papéis com aplicações de prata — pertence ao engenho e à fantasia do caçador.

Os pêlos da cauda — a única coisa insignificante em animal de tamanho vulto — basta arrancá-los da cauda depois de três ou quatro dias de cortada. Conservam-se muito bem. Querendo-se, todavia, aumentar esse poder de conservação, basta untá-los com qualquer gordura pouco ácida.

No rinoceronte, os grandes despojos são as pontas. Estas não têm qualquer ligação com o esqueleto, pois são excrescências córneas da pele, extraíndo-se por consequência com facilidade, uma vez bem cortadas pela base.

Não carecem de cuidados especiais de conservação.

O pé do rinoceronte prepara-se como o do elefante, mas não deve ser golpeado atrás. É preciso descarná-lo por escavação do tecido. Preparação idêntica à da cabeça do elefante tem o esqueleto da cabeça do rinoceronte. A pele deste animal — a mais espessa de todos os grandes

mamíferos — tem aplicações várias e que fazem dela um despojo rendoso. Deve extrair-se em placas ou tiras que se põem a secar à sombra, penduradas, com um peso na extremidade para não se deformarem.

Para conservar despojos de caça em geral, há métodos e processos muito diversos. Ao caçador o que importa é que o despojo, com preparação ligeira e pouco trabalhosa, se possa conservar o tempo necessário para o poder fazer preparar definitivamente em lugar de recursos.

Há muitas formas de o conseguir com simplicidade. Qualquer que se empregue, é preciso não esquecer três condições prévias:

1.^a O despojo (com excepção das peças do esqueleto, cornos ou dentes) deve ser extraído a pouco tempo da morte do animal, embora depois de arrefecidos;

2.^a Seca-se à sombra em lugares arejados;

3.^a Não se lhe deve deixar agarrada a menor parcela de carne ou gordura.

Observadas estas condições, é sempre conveniente tratar as peles — se de peles se trata — com qualquer produto capaz de se opor à decomposição da parte interna.

Indicaremos alguns entre os preparados especiais e os agentes expeditos de conservação.

A *Taxidermina* é preparado inofensivo, lançado por Rowland Ward, o autor do «Record's of Big Game». É bastante eficaz e muito empregado pelos caçadores, embora seja caro. Aplica-se do lado interno da pele, quando esta esteja húmida. Se o pelo estiver a cair, polvilha-se também do outro lado.

A *cinza de madeira*. À falta de outro preparado, a cinza de madeira, colhida em frio na fogueira do acampamento, aplica-se eficazmente e da mesma forma que *Taxidermina*. Nem toda a cinza é igualmente boa. Como regra geral, pode estabelecer-se que, quanto mais dura é a madeira, melhor, para o fim em questão, é a cinza que dá.

O *sal*. É perigoso para as peles o emprego do sal. Aplica-se, contudo, uma vez que se proceda cautelosamente, com certa eficácia, da forma seguinte: depois da pele completamente limpa, aplica-se o sal durante 48 horas. Findo este tempo sacode-se vigorosamente a pele, de modo a fazer cair todo o sal, e estende-se sobre pedras ou paus para secar à sombra. Em caso algum uma pele deve pôr-se a secar ao sol.

Se o sal não for uniformemente aplicado, o pêlo cai fatalmente. As peles desprovidas de pêlo ou pelagem muito curta são as mais indicadas para a utilização deste processo.

Ácido fénico. Diluído em 65 partes de água para uma parte de ácido, é preservativo magnífico para os despojos de caça grossa. Os despojos recentes podem ser conservados durante muitos meses.

A solução deve ser conservada em recipientes de chumbo, de madeira, de barro ou de vidro, e nunca em vasilhas de zinco ou barro vidrado. O melhor meio de preparar a solução é deitar a quantidade de ácido fénico na quantidade correspondente de água quente e agitar muito bem a mistura. Desta forma o ácido fica completamente dissolvido, sem correr o perigo de o ver queimar os pêlos do despojo.

Este deve ser mergulhado na mistura o mais brevemente possível, para se evitar a queda do pêlo.

As cabeças preparam-se como indicamos para o elefante e rinoceronte, no caso de se querer aproveitar apenas o esqueleto. Se é cabeça provida de cornos, estes devem ficar fora de água ou desenterrados.

Se se deseja conservar a cabeça com a pele, o que é sempre difícil no mato, é necessário injectar o formol, como na operação definitiva de embalsamamento.

VI—*Épocas de caça.*

O defeso de caça em Angola termina em 1 de Maio. O defeso da lei é natural.

Não é simples, nem fácil, nem cómodo, caçar antes desta época: não o permitem as chuvas — e com as chuvas enxameiam por toda a parte as piores e mais perigosas feras da África — os mosquitos!

Em 1 de Maio principia a chamada estação seca ou *cacimbo*.

Todavia, a época mais propícia para caçar elefantes ou rinocerontes e, duma maneira geral, os grandes mamíferos, é a que vai de Julho a Setembro.

Em Maio e Junho há ainda água por toda a parte, o que permite a maior dispersão dos animais, e os capins estão altos. Só depois de Julho secam a maior parte dos cursos de água, lagoas e *cacimbas*, obrigando as espécies a procurar os lugares onde a água se conserva, sobretudo as proximidades dos grandes rios de curso permanente.

Nessa época encontrarão os caçadores bem guiados e conduzidos, não só elefantes e rinocerontes em abundância, mas também uma enorme variedade de antílopes, a girafa, a zebra, o gnu, o avestruz, o leão, o leopardo, a hiena, o chacal, o hipopótamo, o jacaré, o javali, o búfalo, etc.

È em poucos dias terão os novos caçadores — aqueles que em África se estreadem a caçar — uma visão venató-

tória muito diferente daquelas que colheram na série de filmes africanos que a indústria europeia e americana tem lançado pródigoamente no mercado.

Para fechar, não resistimos à tentação de marcar a diferença com um facto relativamente recente.

Exibiu-se em Lisboa, no ano de 1933, um filme apresentado com o nome de «Tarzan (o homem macaco)», se não estamos em erro.

A fantasia do realizador conseguiu naturalmente vencer grande número de espectadores, que, acerca da caça, dos animais e da selva, devem ter colhido ideias cujo pitoresco vale um poema. Mas o que no filme em questão havia de mais curioso, dizendo respeito a elefantes e em abono do ponto de vista que estamos expondo, foi a aparição dum elefante... com orelhas postiças.

Por mais inacreditável que pareça — um elefante caracterizado como actor cómico — era assim mesmo.

E o caso explica-se:

Ao argumento faziam falta elefantes que se prestassem às fantasias de Tarzan. A ação passava-se na Africa, onde os elefantes não são dóceis e domesticáveis como os da Asia. Como resolver o problema? — Levando para o cenário africano um elefante asiático, ao qual se adaptaram orelhas de elefante africano... para disfarçar. É a característica diferencial mais conhecida e o realizador julgava assim iludir os espectadores mais exigentes.

Simplesmente as orelhas não estavam bem feitas: eram completamente redondas — o que logo chamava a atenção — e faziam na inserção uma série de pregas mais que duvidosas. Mas ainda que estivessem perfeitamente recortadas e adaptadas, como confundir a cabeça rasa do elefante africano com a cabeça caracterizada por protuberâncias frontais do elefante asiático?

Não pensou em tal o realizador — e por isso vimos o simpático Tarzan fazer cabriolas sobre um animal esquisito, que tinha corpo e cabeça de raça asiática e exhibia orelhas fantásticas de uma estilizada raça africana.

Estas emoções e estes espectáculos não poderá o caçador que vai à Africa gozá-los em plena selva.



FIM DO 1.º VOLUME

2.º volume:

Girafa, Hipopótamo, Crocodilo, Javalis

ALL RIGHTS RESERVED

ÍNDICE DO 1.º VOLUME

(6.ª EDIÇÃO)

	Pág.
<i>Prefácio da 1.ª edição</i>	V
Elefantes :	
I — Considerações gerais	13
II — <i>Habitat</i>	29
III — As vinte e quatro horas de um elefante	39
IV — O elefante em sociedade de elefantes	55
V — A vida amorosa dos elefantes	85
VI — O elefante e o homem	91
Rinocerontes :	
I — Considerações gerais	107
II — O grande neurasténico	115
III — A vida triste dos rinocerontes	123
Notas sobre a caça aos elefantes e rinocerontes :	
I — O caçador	143
II — A caça	151
III — Narrativas	185
IV — Guia do caçador	215